

AFRICA.CONT e a Câmara Municipal de Lisboa  
apresentam a exposição de fotografia:

## **AFRICA: SEE YOU, SEE ME!**

**De 1 de Outubro a 28 de Novembro de 2010**  
**Pavilhão Preto – Museu da Cidade**

### **A INFLUÊNCIA DA AUTO-REPRESENTAÇÃO DE AFRICANOS E DA DIÁSPORA NAS FORMAS CONTEMPORÂNEAS DE FOTOGRAFAR ÁFRICA**

A exposição *AFRICA: SEE YOU, SEE ME!* retrata a história da fotografia africana e a sua influência em imaginários não-africanos de África e nos imaginários da diáspora africana em toda a sua diversidade.

Segundo o curador da exposição, Awam Amkpa, o nome da exposição *AFRICA: SEE YOU, SEE ME!* “foi retirado de um trabalho artístico de um “Mammy Wagon\*” que vi numa estrada nigeriana há muitos anos atrás. O camião ultrapassou o carro em que seguia, libertando uma nuvem de fumo negra e mal cheirosa de gasóleo, deixando-nos uma imagem gravada de dois olhos enquadrados por uma imagem pincelada de um mapa de África. A visão capturou um continente em movimento, transportado nas traseiras de um camião em marcha. Na superfície corroída do mapa de África aninhava-se a inscrição *See You, See Me!* [Vejo-te, Vê-me]. Dando forma às aspirações do artista ou de quem patrocinou a obra, a divertida injunção coloca-nos perante África enquanto um trabalho em constante desenvolvimento, negociando recantos da história em futuros incertos. O camião pretendia que todos os que viajávamos nas perigosas estradas nigerianas tivéssemos consciência da presença uns dos outros, e brindássemos à audácia mútua de seguir em frente.”

## **AFRICA: SEE YOU, SEE ME! EM LISBOA**

Depois de Nova Iorque e Florença, o África.Cont pediu a Awam Amkpa uma nova exposição, completamente reformulada. A exposição está organizada em três partes distintas: a primeira secção é composta por retratos de africanos que procuram inscrever-se nas paisagens urbanas para as quais migraram. Apresenta os fotógrafos africanos à medida que eles foram dominando, adaptando e subvertendo os planos de enquadramento e os legados das convenções fotográficas deixadas pelos senhores coloniais. As fotografias a preto e branco de Mamadou Mbaye e Malik Sidibe ilustram um diálogo tenso entre fotógrafo e fotografado numa colaboração com vista à inscrição dos espaços e do “ser” africanos nos textos fotográficos. São fantasias de identidade pessoal, utilizando guarda-roupa, maquilhagem, penteados, cenários e poses teatrais representando as subjectividades dos espaços colonizados e dos espaços pós-coloniais. Outros temas desta secção incluem as estruturas das cidades africanas, sociedades e comunidades em formação, e representações de “looks” fora do estúdio de fotógrafos no terreno.

A segunda secção é uma mostra dos primeiros retratos etnográficos que imaginavam África como terra bravia povoada pelos primeiros “outros” dos europeus.

A secção final realça fotografias contemporâneas de África, por fotógrafos não-africanos que partilham uma relação de diálogo com os artistas africanos. Estes trabalhos expandem não só as

esferas de influência africanas como também a multiplicidade de espaços nos quais os africanos são fotografados enquanto elementos históricos.

É com esta nova fórmula, sedimentada pelo curador para o AFRICA.CONT, que a exposição continuará o seu percurso itinerante e, com a sua chancela será exibida em Accra, no Gana, e em Lagos, na Nigéria.

**Para mais informações:** [www.africacont.org](http://www.africacont.org)

**Awam Amkpa** (nasceu na Nigéria, vive e trabalha nos EUA), é professor associado na Tisch School of the Arts, da New York University, onde para além de ensinar Dramaturgia e Análise Cultural e Social também dirige o curso *Africana Studies*. Amkpa é autor de diversos livros e artigos sobre o modernismo no teatro, o teatro pós-colonial e a teoria do cinema, tendo ainda realizado uma série de filmes documentários, entre os quais se destaca a curta-metragem *A Very Very Short Story of Nollywood* (2008) que o AFRICA.CONT já teve oportunidade de exibir em Lisboa.

*\* “Mammy Wagons” são veículos emoldurados por uma estrutura de madeira que viajam através da África Ocidental, com as retaguardas ornamentadas. O seu nome advém das mulheres do mercado que transportam as suas colheitas, como inhame, tomates, cebolas, bananas e óleo de palma através dos seus países e atravessando fronteiras. Cada carro é tripulado por um condutor, responsável pelas suas manobras através das estradas traiçoeiras, por um companheiro que é normalmente um mecânico familiarizado com o funcionamento interno do veículo e por um revisor que combina o papel de relações públicas com o de rapaz de recados e controlador de multidões, que anda empoleirado na beira da camioneta e exposto aos elementos da natureza.*

*Para além de desempenharem a importante função de transportarem a indispensável comida através das diferentes nações, estes “Mammy Wagons” servem de placard para cartazes artísticos, escritos e pinturas. Estas pinturas podem invocar filmes populares, símbolos nacionais, ou interpretações de contos tradicionais africanos. Frases escritas com maiúsculas ou minúsculas em francês ou inglês acompanham as ilustrações. Declarações como “O Senhor é o Meu Pastor”, “Sem Destino, Sem Pressa”, “A Justiça é a Saúde dos Pobres” ou “O Mundo não é Só Para Ti” são típicas. De acordo com a lenda, o novelista ganês Ayi Kwei Armah foi buscar à traseira de um desses camiões o título da sua pessimista e polémica novela pós-colonial *The Beautiful Ones Are Not Yet Born* [1968, *Os Belos Ainda Estão Por Nascer*]. De facto, à passagem dos “Mummy Wagons” através de estradas sem manutenção e cambaleando em curvas perigosas, os seus placards oferecem aos leitores e aos observadores uma tela de desejos, frustrações, e esperanças por uma sociedade melhor.*

## **AFRICA.CONT**

Nascido da vontade política da Câmara Municipal de Lisboa e do Estado Português, o centro de artes contemporâneas AFRICA.CONT propõe-se ser uma plataforma para o desenvolvimento de relações de comunicação, cooperação e interacção entre a Europa, os Países Africanos e as

# africa.cont

suas diásporas, baseada na afirmação de relações paritárias. O seu campo de acção pretende abranger o conhecimento, a compreensão e a criação plural, estendendo-se a todas as manifestações culturais de África enquanto agente da globalidade contemporânea: as artes visuais, cinema, vídeo, fotografia, arquitectura, urbanismo e paisagem, design, teatro, música, dança, literatura, ciências humanas, moda, culinária, incluindo a electrónica e a internet como veículos de comunicação e suportes culturais por excelência da sociedade de conhecimento que caracteriza a contemporaneidade.